



## ARTIGO/ARTICLES

## Abdias do Nascimento e os Congressos Pan-africanistas: uma biografia

*Abdias do Nascimento and the Pan-Africanist Congresses: a biography*

*Abdias do Nascimento y los Congresos Panafricanistas: una biografía*

**Marianne da Silva**

**Rocha<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-9663-0258](https://orcid.org/0000-0001-9663-0258)

[marianne.rocha@yahoo.com.br](mailto:marianne.rocha@yahoo.com.br)

**Recebido em:** 26 jul. 2022.

**Aprovado em:** 30 abr. 2024.

**Publicado em:** 19 out. 2024..

**Resumo:** O presente artigo buscou organizar a passagem de Abdias do Nascimento por congressos pan-africanistas entre os anos de 1973 e 1982, a partir do método biográfico, a fim de alcançar as contribuições do autor às ciências sociais para temas tradicionais do pensamento social brasileiro. Conclui-se que suas principais contribuições são uma nova compreensão do racismo, da chamada democracia racial e da articulação histórica de movimentos sociais negros.

**Palavras-chave:** Racismo. Negro. Democracia racial.

**Abstract:** This article sought to organize Abdias do Nascimento's passage through Pan-Africanist congresses between 1973 and 1982, using the biographical method in order to reach the author's contributions to the social sciences for traditional themes of Brazilian social thought. It is concluded that its main contributions are a new understanding of racism, the racial democracy and the historically articulation of black social movements.

**Keywords:** Racism. Negro. Racial democracy.

**Resumen:** Este artículo buscó ordenar el paso de Abdias do Nascimento por los congresos panafricanistas entre 1973 y 1982, utilizando el método biográfico para alcanzar las contribuciones del autor a las ciencias sociales para temas tradicionales del pensamiento social brasileño. Se concluye que sus principales aportes son una nueva comprensión del racismo, la llamada democracia racial y la articulación histórica de movimientos sociales negros.

**Palabras clave:** Racismo. Negro. Democracia racial.

### Introdução

O presente trabalho busca evidenciar a construção da identidade política de um antigo militante do movimento negro brasileiro, deputado federal e senador da república: Abdias Nascimento. Este é o conjunto resumido dos resultados finais da minha pesquisa monográfica ainda na graduação em ciências sociais, "Diálogos Pan-africanistas: Abdias do Nascimento, Brasil e África", defendida em 2018.

O meu foco foi investigar o desenvolvimento da personalidade intelectual de Abdias Nascimento, extraindo possíveis contribuições às ciências sociais como um todo. A partir do rastreamento de suas obras, buscou-se reconstituir o pensamento político e social de Nascimento a partir do método biográfico. Meu espaço-tempo foi seu trânsito dentro



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

dos congressos pan-africanistas ocorridos entre os anos de 1973 e 1982. Em quase uma década foi possível perceber a mudança de olhar de Nascimento sobre seu próprio engajamento social. Nascimento reconstrói constantemente as narrativas sobre si e seus livros eram reeditados por ele mesmo com alguma frequência; diante desta tensão a decisão foi assumir esta espécie de "última versão de si mesmo". Esse espaço-tempo foi escolhido para evidenciar como o autor brasileiro, alimentado por reflexões locais e ideias internacionais, construiu seu pensamento.

Metodologicamente, segui as instruções de Rojas (2000, 20), onde há pelo menos três linhas de individualidade a serem percebidas nos sujeitos: o grau de liberdade dado pela sociedade como um todo; a afirmação do indivíduo frente aos outros; e a autopercepção do indivíduo de sua afirmação frente aos outros. Seguindo essas considerações seria possível equilibrar as contribuições da história pessoal para a ciência no geral.

Dando continuidade a essa busca, esse artigo visa contribuir para a reintrodução dos temas e dos termos de Abdias do Nascimento às ciências sociais, como democracia racial e racismo. O recorte foi escolhido por acreditar que a passagem do nosso objeto por esses congressos foi fundamental para a construção de sua identidade política e para sua compreensão de complexidades da sociedade.

Neste sentido, cabe frisar que, mesmo utilizando o método biográfico, não usei as tradicionais entrevistas como técnica, mas o conjunto da própria obra do autor. É importante notar que seus principais livros foram escritos e/ou publicizados em contexto de seu trânsito internacional (*O Genocídio do negro brasileiro*, *O negro revoltado*, *Sitiado em Lagos*, *Quilombismo*) e no interior dos movimentos pan-africanistas, com seus conflitos, assim, pode-se capturar a atmosfera, as tensões e os motivos de suas publicações.

### Abdias e o pan-africanismo

Nesta seção será tratada a relação que Abdias Nascimento estabeleceu com o pan-africanismo através da leitura sociológica e histórica de sua

participação nos congressos desta temática.

Quando Custódio (2012) aponta a figura de Nascimento como fruto de reelaboração constante, ele toma como um de seus argumentos essa frequente reconfiguração das obras do autor por ele mesmo: sempre redirecionando e atualizando o que havia criado, adaptando as peças, incluindo anexos e novas fontes bibliográficas nos livros, e buscando refletir em seus artigos o seu passado como uma espécie de latência que culminaria no que ele se tornara no momento da sua escrita, ou seja, no seu presente. Muitas vezes, em um esforço de reconstruir sua autoimagem, porém também pode-se interpretar Abdias Nascimento como uma pessoa que se propõe a analisar, aprimorar e lapidar a si mesmo, para além da imagem, uma forma de estar no mundo que seja capaz de refletir os inúmeros atravessamentos de sua vida. Esta é a principal crença.

Engana-se quem pensa que as ideias pan-africanistas chegaram a Abdias após o seu exílio. De acordo com Custódio (2012), as ideias do movimento *Négritude* francófono liderado por Aimé Césaire e que possuía nomes importantes como Leopold Sédou Senghor, chegaram ao Teatro Experimental do Negro (TEN) no fim dos anos 1940, início de 1950 via publicações e traduções de Guerreiro Ramos e Ironides Rodrigues. Os artistas e intelectuais do TEN se apropriaram da ideia que dava um sentido completamente novo à ideia de cultura negra em relação ao que, até então, era trabalhado pela organização, uma cultura negra como fator de diferença.

Custódio segue reiterando que o resultado principal do contato com o movimento *Négritude* foi a ruptura de Nascimento com a democracia racial que eclodiu após a apresentação de um trabalho de Ironides Rodrigues no I Congresso do Negro Brasileiro realizado em 1950. Nascimento não somente rompe com o pacto democrático, uma espécie de aliança com setores progressistas e intelectuais da sociedade, seu primeiro passo em direção a uma radicalização, mas também abandona paulatinamente o discurso sobre uma matriz nacional e as ideias da democracia racial, que vinham ganhando contornos evidentemente

ideológicos com a ditadura militar em 1964. Já nos anos 60, em 1966, Nascimento dá seus primeiros passos internacionalistas e encaminhou uma carta aberta ao Festival Mundial das Artes Negras expressando seu descontentamento pela inexistência de delegados negros brasileiros no evento.

Esta carta foi disponibilizada pelo acervo digital do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro), e o primeiro impacto se deve ao fato de sua publicação na revista *Tempo Brasileiro* estar com uma nota localizando uma discordância teórica da mesma com as ideias de Abdias Nascimento. Em 1966, Nascimento afirma que "não querem que o negro brasileiro assuma sua Negritude" e denuncia a vontade das elites de "brantificar<sup>2</sup> o nosso povo" a fim de mantê-lo "no seu lugar", transformando a cultura negra em "mercadoria exótica" instaurando um novo tipo de exploração. Nascimento não mede palavras ao criticar as práticas do Itamaraty, reiterando que a exclusão da população negra não era um ato isolado do governo atual brasileiro e nomina outras pessoas e instituições que foram impossibilitadas de serem delegados oficiais.

Citando o principal motivo da convocatória para o Festival, feita pelo então presidente do Senegal e um dos nomes pertencentes ao movimento, Leopold Sédar Senghor, que era de tornar conhecidas as "contribuições da Negritude a civilização universal" e permitir uma "volta às origens" aos artistas visitantes, afirma que este último ponto era estigmatizado pelo Itamaraty como um valor que não representa a cultura nacional. Ele segue condenando as motivações da exclusão do TEN para tal evento, argumentando ser uma exigência do Festival que o "negro seja visto por ele mesmo". Nascimento define a assimilação e a aculturação promovidas como doutrina de estado, como "abdição do mundo interior [do negro] como passaporte à nacionalidade metropolitana", e argumenta que "nos [os negros] reconhecemos mais pelo olhar que pelo idio-

ma". Ele segue lembrando uma "fidelidade às origens que esses quatro séculos de escravidão não conseguiram apagar" e, talvez, a frase que melhor resume todo conteúdo de sua carta é "nós fomos negros ontem, somos negros hoje e seremos negros amanhã".

O Senegal havia se tornado independente já em 1960 e através de seu presidente havia se transformado na capital da *Négritude* (Nascimento 2004). O Festival definia-se como uma possibilidade de tornar conhecidas as diversas formas de arte protagonizadas por pessoas negras em todo o mundo, promovendo premiações nessas diversas áreas. Seu objetivo primeiro era a promoção do entendimento internacional e inter-racial, sendo financiada e organizada pela Unesco (Festival Mondial des Arts Nègres)<sup>3</sup> emitia convites por meio de veículos oficiais, por isso a participação do Itamaraty na escolha para delegação.

Moore (2008), acrescenta que esse festival foi a culminação de outros encontros de importantes intelectuais pan-africanistas em 1957 e 1959, em Paris e Roma, bem antes da independência de um conjunto de países do continente africano, como o próprio Senegal e Gana. Esta foi a primeira cúpula de intelectuais pan-africanistas na África, por isso sua importância simbólica.

Como foi demonstrado, é evidente que as ideias pan-africanas já estavam presentes no pensamento de Nascimento a partir da leitura dessa carta. No entanto, é com seu autoexílio, em 1968, para os Estados Unidos da América, que essa posição ganha novos contornos. Mostra-se digno de nota que a posição política de exilado é construída por Nascimento quase dez anos após sua ida para os EUA, conforme relata Custódio (2012). O autor coletou cartas e entrevistas de Nascimento que mantinha frequente contato com o Brasil e possuía endereço fixo sempre registrado, ou seja, Nascimento percebia-se e era percebido como um artista e estudante em terras estrangeiras. Esse discurso somente apareceu

<sup>2</sup> Brantificar seria o mesmo que branquear, clarear, no sentido social atribuído à raça branca.

<sup>3</sup> Festival Mondial des Arts Nègres. 1966. Dakar, República do Senegal. 1ª ed. Abril. Acessado em 25 de nov. de 2017, <http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/fesman/programacao>.

em 1976, no livro organizado por Pedro Uchoa Cavalcanti e Jovelino Ramos de nome *Memórias do Exílio*, que tinha o objetivo de compartilhar experiências de exilados brasileiros. Em seu depoimento, conforme esclarece Custódio (2012), Nascimento define-se pela primeira vez como um autoexilado, mas não por condições oficiais, mas por ser um negro que vive fora da África.

É importante localizar a posição de Nascimento dentro do movimento pan-africanista. Rocha (2021) propõe uma forma de compreensão do movimento, especialmente útil para esse artigo, localizando-o dentro do nacionalismo, dialogando com Eric Hobsbawm e Benedict Anderson. Para autora, o pan-africanismo é um movimento político nacionalista (identitário), com origem no século 19 no chamado Atlântico Negro, cuja base é a organização e solidariedade racial diante às novas tecnologias do estado e do capitalismo de organização das hierarquias sociais.

Assim, localizado no período histórico da Era das Revoluções, o nacionalismo revolucionário da época, como relembra Rocha (2021, 76), não possui como critério de coesão identitária o linguismo, a etnia, o território ou a religião, "mas sim a representação de um interesse comum (nesse caso, o antirracismo, antidiscriminação, anti-escavidão) contra interesses particulares, 'o bem comum contra o privilégio'" (Hobsbawm 1990, 32).

Em um entendimento semelhante, Adi (2022) sugere a compreensão do pan-africanismo a partir de duas vertentes principais: a primeira, emergente na diáspora africana nas Américas que delineou o entendimento de unidade e, a segunda, no contexto de luta anticolonial na África pós-Segunda Grande Guerra, aprimorando o conceito de unidade e apresentando estratégias de libertação nacional. Esta segunda vertente se desdobrou em dois grupos, o Casablanca e o Monróvia.

O grupo Casablanca, segundo o autor, que pode ser representado por Julius Nyerere, Kwame Nkrumah e Cheikh Anta Diop, tinha uma concepção de unidade maximalista, conectando todo continente africano, submetendo-o à

ideia de soberania de cunho socialista. O grupo Monróvia, representado por Félix Houphouët Boigny, Léopold Sédar Senghor e Richard Wright, baseava suas principais ideias no direito à independência nacional, colocando a soberania em primeiro plano.

Desta forma, podemos entender que, originado nos movimentos nacionalistas do século 19, e seguindo o fluxo dessa ideia emergente, agora utilizando conceitos das relações internacionais (unidade e soberania), de um mundo pós-emergência dos estados-nação como protagonistas da política, o movimento pan-africanista condensou uma infinidade de atores coletivos que a partir dos anos 50 do século 20 conflitavam significativamente sobre os limites e as interseções entre o cultural e o político (Reis 2020), e outros temas que não serão adentrados aqui, espelhados nessa divisão de grupos. Nascimento produziu pensamento nesse momento histórico e sua obra também reflete esses conflitos, podendo ser aproximado ao grupo Casablanca.

Assim, Nascimento tentou resolver a questão de como manter o "espírito de Bandung" ou de solidariedade terceiro-mundista com intelectuais e artistas negros oriundos de países que estavam e os que não estavam vivendo a descolonização. Com base em sua própria ideia de raça e cultura, Abdias propõe um Brasil negro-africano e um forte candidato à pan-África fora da África. Os congressos analisados a seguir demonstrarão isso.

### **Conferência Pan-Africana Preparatória, Kingston – 1973**

O trânsito de Nascimento fora do Brasil foi significativo, conforme demonstram Elisa Nascimento (2014) e Custódio (2012). Havia conhecido Bobby Seale, grande nome do Partido dos Panteras Negras, a antropóloga afro-americana Angela Gilliam, Amiri Baraka ou Leroi Jones e famoso poeta estadunidense, John Henrik Clark, consolidador dos Estudos Africanos na Universidade de Cornell, entre outros – a lista de nomes é extensa.

Mas foi em 1973 sua primeira experiência internacional nos congressos. Já com o passaporte

brasileiro confiscado pela ditadura civil militar, Nascimento chegou a Kingston, na Jamaica, com seu visto de residência nos Estados Unidos. Conforme relata Moore (2008) e Nascimento (2014), a conferência preparatória para a 6ª Conferência Pan-Africana, que seria realizada na Tanzânia, refletia o contexto problemático das independências dos estados africanos e do Caribe onde os governos se opunham à participação de ativistas consolidados no movimento e de oposição. Nascimento fazia parte da representação organizada por C. R. L. James, que demonstrava intenção de dedicar um dia inteiro da conferência à discussão do caso brasileiro.

Já no país caribenho, Nascimento figurou um intenso conflito com Marcus Garvey Jr., que manifestava uma oposição à participação de povos nativos da Austrália, representados pela aborígene Roberta Sykes. Amy Jacques Garvey, mãe de Marcus Garvey Jr., viúva e companheira militante da saga de Marcus Garvey, levantou-se favoravelmente a Nascimento, definindo a posição de seu filho como uma "aberração" (Moore 2008, 240). Ainda de acordo com Carlos Moore (2008, 239), naquele momento, Nascimento "definiu sua visão de pan-africanismo global, independente de blocos ideológicos e incluído da mulher no pleno sentido da palavra".

### 6º Congresso Pan-africano, Der Es Salaam – 1974

Nascimento recebeu um convite diretamente do governo tanzaniano para apresentar sua comunicação no congresso que se realizaria em Dar es Salaam, por meio de um telegrama que chegou no mesmo dia em que ele soube da notícia que a delegação da Guiana Francesa e Eusi Kwayana, coordenador da região do Caribe e América do Sul, tinham sido excluídos do congresso. C. R. L. James, em solidariedade, decidiu não participar. Nascimento optou por protestar comparecendo (Nascimento 2014, 221), e lá chocou-se com a parcela pró-comunista do pan-africanismo com nomes como Sekou Toré, Almícar Cabral e Maurice Bishop. De acordo com Moore (2008), naquela época, o pan-africanismo havia se transformado

em correia de transmissão do comunismo e Nascimento se opunha vigorosamente à essa "marxização" do movimento mesmo diante de chefes de estado e dirigentes de movimentos que se coadunavam com essa linha.

Nascimento era o único pertencente à América do Sul na qualidade de seu representante e seu trabalho de nome "Revolução Cultural e Futuro do Pan-africanismo" havia sido interrompido muitas vezes pelo vice-presidente da Tanzânia e presidente do congresso, Aboud Jumbe (Nascimento 2014, 222). Nascimento (2002, 49-91) proferiu um longo discurso "evocando a voz dos silenciados", afirmando sua não aceitação ao escapismo promovido pela humanidade sem cor e que as "bases tradicionais" deveriam ser a referência para o futuro como os valores da cultura africana.

O discurso passava pela sua compreensão de pan-africanismo como um movimento sustentado pelas culturas africanas escolhidas criticamente para construir a unidade da cultura pan-africana; falando sobre a importância de "renovar, criticar, ampliar e atualizar" (Nascimento 2002, 54) o conhecimento já existente e típico de comunidades negras como uma possibilidade de reaver a soberania sobre seu próprio legado coletivo e a necessidade de rejeitar pressupostos que afirmam a ausência de racionalidade científica no que os socialistas chamavam de economia primitiva, posição essa que fora definida por Nascimento (2002, 55) como um "apriorismo dogmático ou uma distorção ideológica maliciosa". O autor delinea sua posição enquanto, conforme a classificação de Moore (2008), um pan-africanista nacionalista.

É importante notar que essa posição de Nascimento diante dos marxistas e de seus signatários não se trata apenas de uma posição meramente teórica ou fruto de sua afeição à estrutura dominante capitalista. Pelo menos outros três episódios envolvendo diretamente Nascimento moldariam sua posição

Nascimento relata (2002, 184) um episódio figurado por ele, Agnaldo Camargo e Sebastião Rodrigues Alves, no instante da criação do Comitê Democrático Afrobrasileiro, que exercia

suas atividades na mesma sede do TEN, na UNE (União Nacional de Estudantes), em 1945. O objetivo deste comitê se redirecionou a articular lutas pela anistia de todos os presos políticos, sendo composto por pessoas de qualquer raça e orientação política; chegando ao seu objetivo, era dado o momento do comitê voltar a tratar as questões específicas da população negra, porém a maioria dos "radicais" pertencentes à UNE e que estavam em postos diretivos, entravaram o prosseguimento das suas atividades afirmando que tratar o racismo como um assunto específico se traduziria como fascismo, causando a divisão da classe trabalhadora; conflito que culminou na expulsão dos supracitados e fundadores do Comitê. Nascimento relata que após sua saída forçada, o Comitê "morreria de morte natural: para defender a classe operária e os oprimidos de qualquer origem, já existia o Partido comunista, o qual os radicais pertenciam" (Nascimento 2002). E as ações de refreamento ao crescimento do "fascismo negro" se estenderam para a expulsão efetiva do TEN das dependências da UNE. Nascimento (Nascimento 2002, 190) ainda relata um encontro com Paulo Mercadante, alguns anos – não precisados pelo autor – após o ocorrido, quando este antigo dirigente da UNE afirmou que a expulsão se deu devido a ordens recebidas do exterior pelo partido comunista.

O segundo episódio também ocorrido no ano de 1945, foi durante a Convenção Nacional do Negro, realizada em São Paulo e no Rio de Janeiro; essa convenção produziu um documento final em forma de manifesto que foi direcionada a todos os partidos e candidatos políticos da época. Nascimento (1982, 37-8) relata que os candidatos à presidência Brigadeiro Eduardo Gomes (UDN) e o General Eurico Gaspar Dutra (PSD), assim como o Secretário-Geral do PCB, Luís Carlos Prestes, lhe escreveram em resposta de apoio; porém quando o senador Hamilton Nogueira apresentou projeto de lei na Assembleia Constituinte de 1946, inspirado no então manifesto, caracterizando contravenção penal o crime de discriminação, ele foi negado por seus colegas. A conclusão de Nascimento (2002) foi que a posição daqueles

partidos era do âmbito de uma solidariedade protocolar, unicamente formal.

O terceiro cenário seria instaurado a partir do I Congresso do Negro Brasileiro, em 1950, culminando em uma divisão entre os "cientistas" e as "camadas populares", como declara Nascimento (1982, 15). De acordo com Muryatan Barbosa (2013), depois do trabalho apresentado por Ironides Rodrigues, sobre estética e *Négritude*, houve uma insurgência dos "cientistas" que compreenderam aquela exposição como um "racismo anti-branco". Nascimento (1982) relata que uma declaração havia sido aprovada unanimemente por votação de todos os participantes, porém o grupo dos "cientistas", de orientação marxista, apresentou uma segunda declaração eximindo-se de "implicações racistas" do documento. Já finalizado o congresso, Luiz Aguiar Costa Pinto aviltou todas as suas atas, talvez em uma tentativa de retirar o protagonismo negro até mesmo na sua capacidade organizativa, já que de acordo com Elisa Nascimento (2014, 188), Costa Pinto não cita em momento algum a liderança do TEN organizando o Congresso na sua publicação posterior de 1953, *O Negro no Rio de Janeiro*. Neste livro, o autor também publicou parcelas dos trabalhos de Guerreiro Ramos e Abdias Nascimento como se fossem suas ideias, incluindo a noção de "negro como espetáculo", uma crítica que os intelectuais do TEN já vinham elaborando sobre uma abordagem folclorista dos "estudos afro-brasileiros" (2014). O próprio Guerreiro Ramos (1995 [1957], 210) também o acusa de cometer um "grosseiro plágio".

Segundo Abdias Nascimento (2014, 188), Costa Pinto o atacou, assim como os organizadores do congresso, de maneira velada, os definindo como "promotores de racismo às avessas", compondo uma "elite pequeno-burguesa intelectualizada e pigmentada". Além disso, em seu livro *O Negro no Rio de Janeiro*, Costa Pinto é categórico em dizer que o problema central do Brasil era de classe, sendo o racismo um resultado das estruturas econômicas. Ele defende que é necessária uma consciência de classe e não uma consciência de cor.

Ainda em *O Negro Revoltado*, Nascimento (1982, 48) constrói um argumento sociológico e outro histórico; o problema do negro pode coincidir com o problema proletário, porém não está provado que a liberação social causa automaticamente a liberação racial, não constituindo “uma lei sociológica a subordinação da emancipação racial à emancipação social ou que ambas coincidam necessariamente”. Citando o escritor francês anarquista Daniel Guérin e a romancista estadunidense Lilian Smith que possuem obras que traduzem relações problemáticas entre brancos pobres e negros, Nascimento traz um fragmento em que é retratado o pavor de uma liderança comunista branca em receber colegas negros do seu próprio partido em sua casa em Nova Orleans. Nascimento também cita o exemplo russo, onde judeus e negros sofriam discriminação racial.

Assim, Nascimento desenvolve sua *práxis* política em relação aos setores brancos liberais, uma história que elucida sua posição minimamente desconfiada para com estes últimos.

A percepção de Paulina Alberto (2012 citado por Custódio 2012, 21), a respeito deste I Congresso do Negro Brasileiro, evidencia essa busca por protagonismo dos intelectuais negros que participavam do TEN ao formalizar uma quebra com setores ditos progressistas, que estavam acostumados a tratar o negro como objeto de pesquisa, mas não como produtores de conhecimento.

## 2º Festival Mundial de Artes e Culturas Negras e Africanas (Festac'77), Ilê Ifé -1977

Nascimento, ainda em 1976, havia recebido o convite para passar um ano como professor visitante da Universidade de Ifé, na Nigéria, no Departamento de Línguas e Literatura – departamento esse que o apoiaria a preparar um documento para ser apresentado no fórum de pensamento do 2º Festival Mundial de Artes e Culturas Negras (Festac'77), no qual fora convidado para participar como palestrante principal diretamente pelo diretor da Unesco, Maurice

Gléglé, ainda em 1974 (Nascimento 2014, 223-5).

Após mudança na direção do Festival, que agora estava sob direção do governo nigeriano e não mais da Unesco, as diretrizes do Colóquio foram alteradas, vetando mais uma vez a participação de Nascimento. De acordo com o próprio (2017 [1978]), esse havia sido um pedido do governo brasileiro, que já havia lhe retirado seu passaporte. Fato que se evidenciaria durante o Festival, a partir de uma ameaça feita pela delegação brasileira, afirmando que “haveria problemas” entre os países caso o presidente do colóquio e ministro da educação da Nigéria, Ahmadu Ali, concedesse a palavra a Nascimento; também a partir de uma carta enviada por Pio Zirimu, que era presidente do Festival e não pôde concluir o trabalho por ter falecido antes que o evento ocorresse, atribuindo o impedimento da participação de Nascimento aos “poderes constituídos” (Nascimento 2017)

Nascimento escreveu, quatro anos após o ocorrido, o livro *Sitiado em Lagos: autodefesa de um negro acossado pelo racismo*, onde constam alguns documentos de fonte não identificada que comprovariam que sua participação havia sido negada no Festival pelo Itamaraty. De acordo com Custódio (2012), o livro seria uma espécie de acerto de contas com os defensores da democracia racial e o governo brasileiro.

Neste livro, Nascimento vincula a retirada do seu passaporte pela embaixada brasileira nos Estados Unidos em 1975. Analisando telegramas trocados entre a embaixada em Lagos, o Ministério das Relações Exteriores e alguns participantes brasileiros no festival, Nascimento constrói seu argumento de perseguição política. Custódio (2012) avalia que três mensagens revelariam o motivo principal dos temores do governo brasileiro em relação a Nascimento: uma acusação de que os EUA estavam ensaiando criar uma imagem racista do Brasil em uma tentativa de retirar o foco do sistema racista de Apartheid na África do Sul, que já vinha ganhando atenção da mídia e dos movimentos sociais no mundo todo. O governo brasileiro qualificou Abdias Nascimento como um representante subversivo de grupos americanos de esquerda (Custódio 2012, 139).

Desta vez, Nascimento não saiu em completa desvantagem, além de ter se inscrito como observador, distribuiu pessoalmente seu trabalho, conseguindo chamar a atenção para o caso brasileiro, mobilizando os trabalhos a serem realizados no Festival. A mídia jornalística da Nigéria se interessou amplamente pelo caso do "professor brasileiro que foi impedido de falar", chegando a divulgar na íntegra o seu trabalho no jornal *Sketch* com o nome de *The Nascimento Paper* (Custódio 2012, 33).

Novamente vetado pelas forças do estado brasileiro e mais um livro que escreve em reflexo e reflexão sobre suas posições, *O Genocídio do negro brasileiro*, originalmente de 1978, onde Nascimento deu um passo em direção à consolidação de seu pensamento enquanto pan-africanista, como aponta Custódio (2012, 135), o *Racial democracy in Brazil: myth or reality?*, a versão original do trabalho apresentado no Festival, que foi editado para versão brasileira, sem prejuízo de suas ideias, sendo a primeira obra de Nascimento referendada no "mundo africano", sendo citado por autores importantes como Rodney Walters e Angela Gilliam.

Pela primeira vez o autor faz uso da palavra genocídio abertamente, aplicando-a à realidade do negro brasileiro, confronta diretamente acadêmicos que se constituíram enquanto estudiosos do negro no Brasil, delineando o seu lugar enquanto militante e pensador da situação e cultura negra.

[...] Nem está o autor deste interessado no exercício de qualquer ginástica teórica, imparcial e descomprometida. Não posso e não me interessa transcender a mim mesmo, como habitualmente os cientistas sociais declaram supostamente fazer em relação às suas investigações. Quanto a mim, considero-me parte da matéria investigada. Somente da minha própria existência e situação no grupo étnico-cultural a que pertenço, interagindo no contexto global da sociedade brasileira, é que posso surpreender a realidade que condiciona o meu ser e o define. Situação que me envolve qual um cinturão histórico de onde não posso escapar conscientemente sem praticar a mentira, a traição, ou a distorção da minha personalidade. (Nascimento 2017, 47).

## 1º e 2º Congresso de Culturas Negras das Américas, Cali – 1977/ Panamá – 1980

Abdias Nascimento recebeu um convite do antropólogo colombiano Manuel Zapata Olivella, para participar do 1º Congresso de Cultura Negra das Américas, que se realizaria em Cali.

Na Colômbia, Nascimento (2002, 168-216) documentou e denunciou a política externa brasileira. O nome de seu trabalho era "Etnia afro-brasileira e a política internacional". Ainda em confronto direto com a ideologia da democracia racial, refletindo sobre branqueamento compulsório do conjunto populacional no Brasil através da abertura dos portos para chegada de imigrantes europeus e a relação totalmente privilegiada destes últimos com o mercado de trabalho que expelia mão de obra negra, Nascimento cita documentos de cunho censitário presentes no livro *Brazil 66* que não se referiam à população negra presente na sociedade brasileira enquanto tal, a descrevendo como uma parcela "mista" e "diminuta", ainda que estatisticamente esta representasse 38% da população. Essa democracia racial serviria também como desculpa para o comportamento do Brasil em relação às então colônias portuguesas, Angola e Moçambique, e à África do Sul. Nascimento catalogou todos os votos e posições brasileiras em Assembleias da ONU, trazendo denúncias que acusavam Portugal de pagar com urânio as posições que o Brasil tomava em favorecimento à sua ex-metrópole e citando fontes que afirmaram que Portugal ofereceu participação no seu império colonial em troca de ajuda na sua manutenção (Nascimento 2002, 195).

Ainda dentro desta temática, Nascimento trouxe à tona o Tratado do Atlântico Sul (Nascimento 2002, 211) que seria uma aliança militar inspirada no modelo do Tratado do Atlântico Norte. Chamando a atenção para uma "linha Nixon", essa aliança seria uma ferramenta para Washington proteger seus interesses (Brzezinski citado por Nascimento 2002, 212). Seu objetivo básico seria integrar a África do Sul, que ainda estava com regime de *apartheid*, ao Brasil, Chile

e Argentina, como aliados ocidentais de importância por ocuparem posição geográfica estratégica. Nascimento rubrica a opinião do artigo publicado pela revista *África* (Nascimento 2002, 213), demonstrando que os objetivos brasileiros em estreitar laços com o país africano também estariam expressos na vontade de reduzir sua dependência de urânio enriquecido americano, sendo na época a África do Sul a maior produtora do minério no mundo.

De acordo com nota (Nascimento 2002, 168), no livro *Quilombismo*, o documento referente à palestra proferida em Cáli no ano de 1977 já consta em sua versão definitiva, isto é, reeditada e no formato no qual foi apresentado em simpósio realizado pela Universidade de Estocolmo em 1978, fora do contexto de congressos pan-africanos. Nessa altura, Nascimento incorpora ao seu estudo o trabalho de Clóvis Brigadão (1978 citado por Nascimento, 2002, 215), que faz alusão à participação do estado brasileiro na criação de uma espécie de "polo do *apartheid*", trazendo colonos da Rodésia (atual Zimbábue) e África do Sul para a Bolívia. Essa informação ajuda a delinear melhor o cenário no qual Nascimento descreve um ano antes e traz um "peso historiográfico" à sua denúncia.

Nascimento também separa uma parte significativa de sua pesquisa e faz apontamentos sobre a ação de marxistas em relação às populações negras, refletindo a extensão do discurso de Abdias Nascimento em subtítulo chamado "Os povos negros e os marxistas".

Aqui, seu primeiro argumento se constrói em diálogo com a obra de Karl Marx, evidenciando a desumanização promovida pelo mesmo quando compreende os operários da Inglaterra enquanto classe e os africanos escravizados como uma categoria econômica. Afirmado que esses operários usufruíram diretamente com o aumento da qualidade de vida promovida pelo enriquecimento de nações capitalistas à custa do escravismo, a ideia permanente nos escritos de Abdias Nascimento é o protagonismo negro e essa ideia vai se amadurecendo de tal maneira que o autor concebe que a chave central em

busca da equidade de relações é devolver a humanidade à pessoa negra. Isso também estará expresso em sua arte, uma arte negra em diáspora que luta para "humanização da existência humana" (Custódio 2012, 128-9). Talvez por este motivo sua principal crítica diretamente direcionada a Marx seja seu lugar no mundo branco, seu papel diante da desumanização das populações africanas.

Nascimento (2002, 169) segue catalogando uma bibliografia diversificada que refletiria as relações práticas entre os povos negros e os marxistas. James Boggs, George Padmore, Richard Wright, C. R. L. James são citados em posições que relatam seu desconforto direta ou indiretamente com os socialistas, especialmente este último, que reclama do tratamento conferido ao negro que estaria em uma "degradação econômica, política, social e cultural abaixo do nível das camadas mais exploradas das classes trabalhadoras" e que a luta negra possuiria uma "perspectiva política orgânica" que não seria necessariamente dirigida pelo partido comunista ou pelo movimento operário organizado (James citado por Nascimento 2002, 187), mesmo sendo um marxista.

Fazendo um paralelo histórico entre o preterimento do mercado de mão de obra negra em favor do imigrante de origem europeia recém-chegado no século 19 com a situação do trabalhador negro no século 20, nas décadas de 1940-1950, repellido pelo mercado de trabalho no Rio de Janeiro e em São Paulo, Abdias Nascimento constatou através de seu trabalho para Comissão de Recenseamento Nacional, como o setor industrial não absorvia trabalhadores negros. Ele citou como, em São Paulo, no setor automobilístico, o perfil do trabalhador comum permanecia o mesmo, uma constatação também feita pelo historiador marxista Clóvis Moura.

Essa relação de privilégio seria o motivo central para esse silenciamento, os trabalhadores brancos eram beneficiados com a permanência da massa negra como "trabalhadores desclassificados".

A integração interpretada por Boggs (Nas-

cimento 2002, 187) e trazido por Nascimento é definida como um guarda-chuva que esconderia o caráter racista e antirrevolucionário de radicais americanos, que ao gerar colaboração entre raças imobilizaria a luta de "negros oprimidos contra os brancos opressores". Essa interpretação traz a tônica central do debate de Nascimento a respeito dos marxistas; em suas palavras: "o supremacismo branco é o mesmo em qualquer país onde a 'civilização' e o 'humanismo' europeu estejam presentes" (Nascimento 2002, 187). Existe um esforço do autor em demonstrar que o racismo é um problema mundial, problema esse continuamente operado por pessoas brancas independentemente de posição política ou de classe social.

Nascimento, além de citar o trabalho de Wilson Record, chamado *The negro and the Communist Party*, de 1971, onde constam diversos depoimentos sobre a relação problemática entre pessoas e interesses pretos e africanos e o partido comunista, também relembra o mundialmente famoso George Padmore e seu livro *Pan-africanism or communism?*, de 1972. Oriundo de Trinidad, Padmore foi um comunista ativo que construiu carreira no partido comunista, sendo o responsável pelo setor da África e dos povos de descendência africana na Internacional Comunista que aconteceu em Moscou. De acordo com Nascimento (Nascimento 2002, 186), o livro de Padmore relata as manipulações e a atuação oportunista do movimento de esquerda de modo geral em relação ao povo negro, iniciando pelo fato do governo soviético ter vendido petróleo ao ditador Mussolini quando ele planejava invadir a Etiópia. Nascimento também traz o depoimento de C. R. L. James (Nascimento 2002, 185-6) em conversa com Padmore, no que seria a sua desilusão em relação ao partido comunista quando este último lhe pediu para direcionar sua propaganda ao ataque a Alemanha, Itália e Japão, deixando de lado suas críticas aos Estados Unidos, França e Inglaterra, os colocando como amigos do comunismo. Padmore retirou-se do partido, negando-se a se dobrar diante do que chamavam de disciplina, depois de ter argumentado que não

poderia fazer tal coisa pela Inglaterra e a França, que possuíam colônias africanas, e os EUA, ser reconhecido na época, em 1935, como o país mais racista do mundo. Ele também destacou que o Japão, a Itália e a Alemanha não estavam colonizando a África.

É interessante sublinhar nesse mesmo trecho a respeito das posições políticas de Nascimento que, em 1978, na introdução do livro *Brazil: mixture or massacre? Essays in the genocide of a black people*, reitera a opinião de Ronald Walters inscrita em seu livro *Marxist-Leninism and the black Revolution*. Ele afirma ser a mais perigosa lição da década de 1930 a "esmagadora compreensão da traição e exploração da comunidade negra pela esquerda branca" (Nascimento 2002, 26).

A busca de Nascimento por referenciais históricos e modos de vida autóctones que consigam dar bases para um movimento negro independente de eixos hegemônicos revelou-se na sua proposta de nome "Quilombismo".

Lançada no 2º Congresso de Cultura Negra nas Américas, em 1980, no Panamá, traz sua tese que objetiva a criação de instrumentos deduzidos da realidade social e histórica e da experiência própria do povo cuja luta deseja informar. Nascimento intenciona a institucionalização de um poder baseado na autodeterminação da população afro-brasileira, um "Brasil Negro" baseado no comunalismo africano (Nascimento 2002, 33). Como foi dito anteriormente, a posição de Nascimento diante o mundo polarizado em hegemônias eurocêntricas, o nacionalismo negro, não o define como um defensor do capitalismo. Justamente o contrário. Nascimento está completamente voltado para a história dos povos africanos e seus descendentes a ponto de traduzir as experiências quilombolas brasileiras admitindo suas conexões com as experiências anteriores em território africano lhes conferindo funcionalidade e atualidade. Esse "socialismo negro" já teria a sanção de vários séculos de aplicação e funcionamento antes de qualquer definição científica a respeito de socialismo (Nascimento 2002, 33).

## Conclusão

O percurso de Abdias Nascimento evidencia não somente uma mudança de discurso frente à realidade e às condições históricas que enfrentava, mas também uma mudança de perfil que fora radicalmente alterado a partir do seu contato com o cenário internacional.

É possível organizar as conclusões em três grandes eixos temáticos explorados no artigo: (1) os negros e a democracia racial; (2) os negros e os setores progressistas e revolucionários; e (3) os negros e a cultura africana.

Abdias Nascimento foi uma figura importante para romper com a proposta de uma modernidade conservadora que já vinha sendo articulada e figurada por Gilberto Freyre no que é chamado de democracia racial. Tal qual Freyre, que tentou “desestabilizar a centralidade epistemológica da modernidade europeia” (Tavolaro 2013, 1), Nascimento colocou a população negra no centro do debate público nas mais diversas questões e áreas. Ao ultrapassar as barreiras nacionais para pensar essa “gente de cor”, Abdias Nascimento foi um pioneiro reacendendo as tradicionais lutas por direitos e renovando um projeto de país tal qual o MNU (Movimento Negro Unificado) também havia se proposto. Suas contribuições ainda estão por ser desveladas, e aqui está uma parcela delas.

Pode se perceber que a passagem internacional de Nascimento foi o espaço-tempo de quebras de paradigmas da experiência de ser negro. O entendimento do racismo como um problema global e a ampliação da percepção dos problemas sociais enfrentados por pessoas negras, dentro e fora do continente africano, pesaram na construção de suas obras. Sua plataforma de ação política internacionalista é sua grande marca e uma grande característica de suas contribuições para a compreensão sociológica deste fenômeno. Notadamente, Abdias em seu trânsito panafricanista, passou da pre-ocupação do negro no mundo para o negro no Brasil articulado com o mundo.

## Referências

- Adi, Hakim. 2022. *Pan-africanismo: uma história*. Ufba.
- Barbosa, Muryatan Santana. 2013. O TEN e a negritude francófona no Brasil: recepção e inovações. *Revista brasileira de Ciências Sociais* 28 (81): 171-84. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092013000100011>.
- Custódio, Túlio Augusto S. 2012. *Construindo o (auto) exílio: trajetória de Abdias do Nascimento nos Estados Unidos, 1968-1981*. Mestrado em Sociologia, Universidade de São Paulo.
- Moore, Carlos. 2002. Prefácio. In *O Brasil na Mira do Pan-Africanismo*, por Abdias do Nascimento. Edufba.
- Moore, Carlos. 2008. Abdias do Nascimento e o surgimento de um pan-africanismo contemporâneo global. In *A matriz africana no mundo*, organizado por Elisa L. Nascimento. Selo Negro.
- Nascimento, Abdias do. 1966. Carta a Dacar. *Tempo Brasileiro* 4 (9/10): 97-106.
- Nascimento, Abdias do. 1982. *O negro revoltado*. 2ª ed. Nova Fronteira.
- Nascimento, Abdias do. 2002. *O quilombismo*. 2ª ed. Fundação Palmares.
- Nascimento, Abdias do. 2017. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 2ª ed. Perspectiva.
- Nascimento, Abdias do. 2004. O teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. *Estudos Avançados* 18 (50): 209-24. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100019>.
- Nascimento, Elisa L. 2008. Lutas africanas no mundo e nas américas. In *A matriz africana no mundo*, organizado por Elisa L., Nascimento, Selo Negro.
- Nascimento, Elisa Larkin. 2014. *Abdias Nascimento, Grandes vultos que honram o Senado*. Coordenação de Edições Técnicas.
- Ramos, Alberto G. 1995. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. 2ª ed. EdUFRJ.
- Reis, Raissa B. dos. 2020. Entre cultura, solidariedade internacional e “mundo negro”: a negociação de sentidos na Présence Africaine (1955-1956). *Afro-Ásia* 62: 223-69. <https://doi.org/10.9771/aa.v0i62.37460>.
- Rojas, Carlos Antonio A. 2000. La biografía como género historiográfico. Algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*, organizado por Benito Bisso Schmidt. Edunisc.
- Rocha, Marianne da S. 2021. *Sob as lentes do nacionalismo: o pan-africanismo e os desafios de uma teoria política historicamente informada*. Mestrado em Ciência Política, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Rocha, Marianne da S. 2018. Diálogos pan-africanistas: Abdias do Nascimento, Brasil e África. Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Tavolaro, Sergio B. F. 2013. Gilberto Freyre e nossa "modernidade tropical": entre a originalidade e o desvio. *Sociologias* 15 (33): 282-317. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222013000200010>.

---

### **Marianne da Silva Rocha**

Mestre em Ciência Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Doutoranda em Ciência Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Pesquisadora associada ao Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique.

*Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação da autora antes da publicação.*